
Análise da representação da ocupação Carolina de Jesus na mídia convencional do estado de Pernambuco e produção de memórias dos moradores¹

Thays Martins Barbosa Silva²

José Afonso da Silva Junior³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE

Resumo

Esta pesquisa tem por finalidade analisar a cobertura regional da ocupação Carolina de Jesus, localizada ao lado do terminal integrado do Barro, zona oeste do Recife. A partir da análise, foi realizada uma produção de registros humanizada da ocupação e apresentada aos estudantes da disciplina de Fotojornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, através de capturas fotográficas da ocupação e coleta de depoimentos, em que é abordado a questão da luta por moradia, como também registros da rotina e arredores da localidade, como maneira de apresentar um comparativo com a cobertura tradicional jornalística.

Palavras-chave: fotografia; jornalismo; ocupação; Carolina de Jesus; movimentos sociais.

Introdução

A mídia convencional exerce um papel fundamental na construção da criticidade da população. Em Pernambuco não seria diferente. A partir deste ponto, foi realizada uma análise da abordagem noticiosa – no site do Diário de Pernambuco e do Jornal do Commercio, dois jornais de grande circulação no estado – em conversação com a fotografia, em um contexto social marcado pela circulação de imagens cada vez mais voláteis que se entrelaça com os discursos midiáticos, atuando sob formatos e propriedades diversas que a mídia exerceu na ocupação Carolina de Jesus, Zona Oeste do Recife, capital Pernambucana.

De acordo com Susan Sontag, o papel da fotografia está diretamente ligado à nossa experiência cotidiana, redefinindo e acrescentando uma gama de materiais, como pessoas,

¹ Trabalho apresentado na IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda de Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

³ Orientador e professor da disciplina de Fotojornalismo na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

coisas e movimentos artísticos e sociais que, por hora não chegamos a ver ou presenciar. A reflexão promovida por Sontag remete para o fotojornalismo como algo imprescindível a prática jornalística.

“[...] a importância da imagem fotográfica como o meio através do qual um número cada vez maior de eventos penetra nossa experiência é, finalmente, apenas um produto paralelo da sua capacidade de propiciar-nos conhecimentos dissociados da experiência e independentes dela” (SONTAG, 1981, p. 150)

Com essa premissa, as imagens funcionam como ponte entre o acontecimento e o leitor, permitindo-o imaginar o cenário e de alguma forma a ação que ali ocorre. Ao pensar neste sentido da fotografia, deve-se ter em mente as formas como a foto é marcante em nossa vida e como suas especificidades são determinantes.

A ocupação

Na sexta-feira do dia 17 de fevereiro de 2017, cerca de 900 famílias ocuparam um terreno abandonado ao lado do Terminado Integrado do Barro, localizado na Zona Oeste do Recife. A área representa cerca de 12 mil metros quadrados e pertence ao Governo de Pernambuco, que pretendia utilizar o local na reforma do terminal integrado do Barro, como parte das obras para a Copa do Mundo 2014.

A reforma foi concluída, mas a área não foi utilizada, ficando abandonada por três anos, até que diversas famílias, organizadas pelo Movimento de Trabalhadores Sem Teto (MTST), decidiram ocupar o terreno inutilizado, com objetivo de conseguir o direito de uma moradia digna.

Após a ocupação ocorrer, um efetivo da Polícia Militar foi enviado até o local para reprimir a ocupação, mas as famílias resistiram fortemente, fazendo com que a polícia recuasse. Desde então mais famílias permanecem no local carregando consigo o sonho de ter uma casa própria. Parte dos ocupantes vive no mesmo bairro, pagando – ou devendo – meses de aluguel. A ocupação abordada neste trabalho, escolheu o nome Ocupação Carolina de Jesus, uma homenagem a poetiza que se alfabetizou de forma autodidata e que discutiu a luta urbana e pela cidade. Tendo em vista a importância de narrar o ocorrido para a população compreender o processo de ocupação da área, foi realizado o levantamento das notícias relacionadas a ocupação Carolina de Jesus.

Quem era Carolina de Jesus?

Nascida em Minas Gerais no ano de 1914, Carolina de Jesus vivenciou uma herança escravocrata de preconceito e pobreza. Ainda jovem se mudou para São Paulo e viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo. Ela exerceu um papel de liderança fundamental na favela paulista, dando conselhos, orientando, ensinando os moradores a ler e escrever. Carolina falava bem e se impunha como uma mulher forte e independente. Foi assim que conseguiu ser uma das primeiras, e mais importantes, escritoras negras da história do Brasil.

Ao lidar com uma população historicamente marginalizada e abandonada pelo poder público, muitos analfabetos, desempregados e vitimados pelo vício do alcoolismo e da violência, a imagem de Carolina ganhou destaque como um “ser estranho” dentro de um universo abandonado. Seu sustento era tirado através da venda de papel catado nas ruas. Ao vender, ela era uma das únicas que assinavam o recibo de pagamento, enquanto todos os outros borravam o dedo com a marca da digital.

Os seus diários, que resultaram no livro “Quarto de despejo” não tinham o propósito de ser tornarem um livro. Carolina, na verdade, queria publicar suas poesias, os contos e os romances que escrevia.

Carolina de Jesus tornou-se mundialmente conhecida pelo seu livro em que registrava o cotidiano precário em uma favela de São Paulo, onde ela criava três filhos. A obra foi traduzida e publicada em mais de 40 países. Carolina saiu da favela, mas as dificuldades continuaram: a escritora foi apropriada como uma curiosidade exótica pela sociedade que sempre lhe virara as costas, e seu livro se tornou objeto de decoração em estantes de salas de visita.

Sua história de vida inspirou mais de 900 famílias que ocupam o terreno abandonado ao lado do Terminado Integrado do Barro, localizado na Zona Oeste do Recife, e resolveram dar seu nome a ocupação como uma forma de trazer à tona o trabalho de Carolina de Jesus dentro da favela.

A mídia pernambucana

Com a efetivação da ocupação, a cobertura midiática realizada em Pernambuco não produziu conteúdo suficiente para a população compreender o que estava ocorrendo

na ocupação e conhecer sua reivindicação. Esta afirmação é possível ser usada a partir do levantamento de reportagens *online* do Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio.



45

(Imagem 1)

A imagem 1 representa duas notícias retiradas do diário de Pernambuco. É possível observar dois tipos de abordagens utilizada pelo jornal, sendo a primeira notícia a cobertura de um tumulto envolvendo moradores da ocupação Carolina de Jesus. De acordo com a notícia “eles cobram um posicionamento da administração municipal sobre a ocupação Carolina de Jesus”. Contudo, não há fala de representante ou morador da ocupação ou desbobrimento do caso.

Já em “Mais de 900 famílias do MTST ocupam terreno abandonado do Barro”, é abordado o início da ocupação, mas não há registro fotográfico produzido pelo jornal. Sendo assim, o conteúdo e fotografias são apenas do MTST.

⁴ Mais de 900 famílias do MTST ocupam terreno abandonado do Barro. Notícia publicada dia 18 de fevereiro de 2017. Link http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/02/18/interna_vidaurbana,690014/mais-de-900-familias-do-mtst-ocupam-terreno-abandonado-no-barro.shtml

⁵ MTST protesta em frente a prefeitura do Recife. Notícia publicada dia 24 de abril de 2017. Link http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/04/25/interna_vidaurbana,700840/mtst-protesta-em-frente-a-prefeitura-do-recife.shtml

HOME > POLÍTICA > PERNAMBUCO

HABITAÇÃO

Protesto por moradia na posse do novo secretário de habitação

O deputado federal Kaio Maniçoba (PMDB) toma posse na tarde desta quinta-feira (13)

Publicado em 13/07/2017, às 17h12



Movimento dos Trabalhadores Sem Terra fez protesto por moradia em frente ao Palácio
Foto: Franco Benites/JC

6

(Imagem 2)

A segunda imagem representa a cobertura do Jornal do Commercio de um protesto realizado por moradores do Carolina de Jesus. A notícia não possui fala ou versão dos manifestantes, assim um produto de versão única.

A cobertura da ocupação e seus desdobramentos em 2017 deixou o leitor com uma compreensão nebulosa sobre o fato, tendo em vista que, com a apresentação de apenas uma versão do fato e a praticamente exclusão da versão das pessoas que estão na ocupação Carolina de Jesus, com espaço de fala reprimido, e registro fotográfico de situações isoladas deixa à margem para a dúvida e má compreensão do ocorrido.

Assim, se apenas um conjunto de assuntos ou fatos é posto à disposição da população em geral, quer por censura tácita ou oficial, a condição de diversidade significativa não é satisfeita. Ou se os temas, fatos e perspectivas que se desviam da perspectiva geral estabelecida estão confinados aos limites da mídia e não chegam ao grosso da população, o resultado é o que pode ser chamado de diversidade sem sentido ou “marginalizada (HERMAN, 1999, p. 214).

É possível perceber que, apesar do Diário de Pernambuco e o Jornal do Commercio, não obstante de noticiarem a ocupação, as produções não possuem, na maior parte dos

⁶ Protesto por moradia na posse do novo secretário de habitação. Notícia publicada dia 13 de julho de 2017. Link <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/pernambuco/noticia/2017/07/13/protesto-por-moradia-na-posse-do-novo-secretario-de-habitacao---295312.php>

casos, uma diversidade significativa através do registro fotográfico e de conteúdo escrito que apresentam fonte única, dessa forma, empobrecendo a matéria e perdendo a oportunidade de promover reflexões importantes para a sociedade. Isso evidencia uma ausência de validade nestas notícias evidências na imagem 1 e 2, por não cumprirem a pluralidade que é exigida na prática jornalística.

Déficit habitacional do Recife

A Região Metropolitana do Recife possui um dos maiores déficits habitacional de todo o Nordeste⁷, estimado falta de 131 mil habitações para suprir este déficit. Porém, a demanda por habitação continua em crescimento, tendo um valor de imóveis e aluguéis cada vez mais alto, as famílias com poder aquisitivo menor estão procurando uma maneira se assegurar o direito básico a moradia que consta na constituição brasileira.

Com base no déficit habitacional do processo conflitual de urbanização do Recife, assim como a rápida mudança da paisagem urbana, a necessidade de gerenciar o registro e a memória dessas transformações espaciais e das formas de sociabilidade urbanas ao longo do último século norteou o estudo de Kossoy (1989) e foi utilizado como premissa para diversos aspectos da produção dos registros do cotidiano da ocupação Carolina de Jesus.

Conhecendo a ocupação

A partir deste ponto, a pesquisa foi norteada para escutar a versão dos moradores da ocupação, através de entrevistas, e produzir um registro fotográfico do dia-a-dia da ocupação, dando prioridade para que o ocupante fosse o protagonista, contando sua história através da imagem e depoimentos para serem apresentados a comunidade acadêmica como a versão diferenciada da mídia convencional pernambucana.

A Seguir, o depoimento de Lindinalva Maria da Silva, coordenadora da Ocupação no Barro: “A família pobre está cansada disso. Eu mesma já vim de outro lugar, do Pocotó, uma favela em Boa Viagem [bairro do Recife] que teve um incêndio e perdi tudo. A prefeitura me tirou de lá me dando um auxílio de 200 reais que não consigo pagar um aluguel e ter minha alimentação com duas pré-adolescentes. Quando chegamos aqui foi

⁷ Dados coletados a partir do estudo elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

uma noite de medo. Entramos com forças e garras e meteu a cara e hoje em dia é isso aqui que você vê. Se você tiver uma casa digna pra morar, você é rica! Porque hoje em dia um pobre não pode pagar nem um aluguel. A Ocupação Carolina de Jesus representa pra mim tudo, abaixo de Deus, porque se não fosse a ocupação eu estaria bem pior e hoje em dia isso é um castelo pra mim.”



(Imagem 3: entrada do barraco de Lindinalva)



(Imagem 4: Lindinalva apresenta seu barraco)



(Imagem 5: arredores da ocupação Carolina de Jesus)

A imagem 4 representa um canal, localizado entre a ocupação, que os moradores retiraram restos de sofás e diversos outros detritos e capinaram a vegetação do local para poderem garantir uma comodidade maior para os barracos. Segundo Lindinalva, coordenadora do local, sempre realizam ações aos domingos para manter o local limpo e conservado. Há um projeto de implantação de uma horta comunitária que, aos poucos está sendo executado.

Outra moradora a relatar o seu cotidiano foi Andréa Alves. Antes do Carolina de Jesus, Andréa morava com seu filho, de um pouco mais de um ano, e seu marido embaixo de um viaduto em Afogados, Zona Oeste do Recife. “Semana passada fui pedir [comida] e o pessoal quis me dar resto de comida, acabei não aceitando porque era pra meu filho pequeno. Hoje já vai fazer uma semana que não almoço. Me sinto fraca, tonta direto. To sem nada. Eu e meu marido desempregados”, desabafa.



(Imagem 6: Andréa com seu filho e marido)

Por volta das 12h, foi possível observar que nem todos os ocupantes possuem fogão a gás e improvisam maneiras de cozinhar, como com um fogareiro movido à lenha para cozinhar banana da terra (ou banana comprida ou chifre de boi, como chamada em outras localidades) como uma alternativa para almoço.



(Imagem 7: fogareiro improvisado)



(Imagem 8: banana da terra sendo cozinhada)

Produção dos registros do cotidiano

Kossoy (1989), em *Fotografia & história*, aponta para a necessidade de pensar a tríade sujeito (fotógrafo), técnica (equipamento) e assunto (a história do tema abordado). Segundo Kossoy, o assunto deve ser colocado no seu tempo e gênero específicos: retrato, vistas urbanas, álbum de família, último retrato ou fotorreportagem.

Para esse autor, o assunto tem uma lógica própria que extrapola os quadros da imagem fotográfica, sendo necessário para discutir um determinado tipo de fotografia compreender o percurso histórico do assunto: seja a das formas de representação do poder da classe dominante, seja o jogo político ou a cidade.

A partir de então, a luta pela moradia continua encontrando dificuldades, e com a ocupação Carolina de Jesus não foi diferente. Além da tentativa de remoção dos primeiros dias de ocupação, que resistiu bravamente, eles convivem diariamente com o preconceito das pessoas que não conhecem a realidade e objetivos da ocupação, estereótipo reforçado pela ausência de coberturas digna realizada pela mídia convencional.

Pensando nisso, este trabalho produziu registros em que a narrativa é construída por moradores da ocupação, como uma forma de apresentar a população a realidade das pessoas e líderes da Carolina de Jesus. Como é um direito básico e o Estado não cumpre,

as populações se mobilizam para reivindicar seus direitos. Essa realidade, portanto, consiste de um processo distópico da sociedade⁸, documentado através deste trabalho.

Processo de coleta de dados

Estive na Ocupação Carolina de Jesus para realizar gravações e registros fotográficos. No local, foi procurado personagens dispostos a mostrar situações cotidianas e que, de alguma forma, remeta a ao cotidiano da ocupação, demonstrando suas lutas, seus desejos e conquistas. Esse processo foi realizado em setembro, outubro e novembro de 2017.

Conversas com um líder do MTST precedeu a visita a ocupação, construindo uma definição da antropologia. Foi preciso se colocar em uma imersão quase total no cotidiano daquela comunidade.

Uma "pesquisa de campo" foi exercida, no primeiro momento, realizando a observação participante para compreender a dinâmica da ocupação. Em seguida, houve um roteiro de entrevista semiestruturada para preceder a gravação dos depoimentos, demonstrando, dessa forma, o foco do trabalho que estava sendo produzido aos moradores da ocupação.

As entrevistas foram realizadas com Lindinalva Maria da Silva, coordenadora da Ocupação no Barro. Josefa Antonia Conceição, ocupante e comerciante local. Andréa Alves de Almeida, ocupante. Marisa Ramos, ocupante.

Após este processo, foram realizados registros fotográficos da ocupação e da rotina dos moradores com uma Canon 60D, com lentes de 50mm e 18-135mm, com diversas variações de configurações para realizar os registros.

Em seguida, foram gravados vídeos com os depoimentos de personagens que se destacavam por sua história e relevância na ocupação, tendo em vista um relato sobre a ocupação pelos próprios ocupantes, com opiniões e histórias pessoais que evidenciem a tensão e vivências existentes. Foi pretendido que os relatos fossem dados pelos próprios ocupantes, dando voz e protagonismo aos ocupantes. Posteriormente, os vídeos foram decupados para a coleta dos depoimentos de maneira escrita para ser utilizado neste artigo.

⁸ Processo em que a ocupação vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação de garantias presentes na constituição brasileira

Considerações finais

Logo, pretendeu-se aprofundar a pesquisa, cuja questão principal não é, exclusivamente, apenas analisar e realizar novos registros, por meio de pesquisa de campo com a fotografia. O importante – e mais relevante cientificamente – é mapear as matérias que apresentem diversidade significativa, ou não, para subsidiar uma maior compreensão dos desdobramentos da Ocupação Carolina de Jesus.

Até agora, podemos perceber que a cobertura de movimentos sociais está um tanto desgastada, no sentido de não apresentar ao leitor as ferramentas das quais precisa para uma compreensão de qualidade sobre a temática, reforçando a ideia de parcialidade praticada por grandes veículos de comunicação de Pernambuco. Com isso, desperdiçando a oportunidade de produção de um conteúdo de qualidade sobre a ocupação Carolina de Jesus, revelando a vivência de uma ocupação para o leitor.

Mas, como destaca Habermas, é importante estabelecer uma qualidade do debate estabelecido pelo jornalismo para a garantia de uma diversidade significativa na deliberação pública:

As opiniões públicas que são lançadas graças ao uso não declarado de dinheiro ou poder organizacional perdem sua credibilidade, tão logo essas fontes de poder social se tornam públicas. Pois as opiniões públicas podem ser manipuladas, porém não compradas publicamente, nem obtidas à força. Essa circunstância pode ser esclarecida pelo fato de que nenhuma esfera pública pode ser produzida ao bel-prazer (HABERMAS, 1997, p. 97)

Desta forma, é compreendido que as limitações de qualidade e diversidade significativa dos registros das matérias neste trabalho, repercutem diretamente no nível de racionalização social dos leitores que consomem a mídia convencional em Pernambuco.

E, mesmo diante da crise estrutural de sentido (BERGER; LUCKMAN, 2004), com as suas características de fragmentação da consciência, alienação, reificação e atomização dos indivíduos, não devemos deixar de vislumbrar a possibilidade dos protagonistas da favela (incluindo ocupações nesse segmento) da estrutura de poder (intelectuais, artistas, professores, estudantes e militantes da sociedade civil), que contestam a ideologia hegemônica das elites, conseguirem forma opinião consistente, vontade política e poder comunicativo, com natureza material, capaz de influenciar o

funcionamento do Estado e provocar a aprovação de leis progressistas e garantia por moradias.

É válido ressaltar que é preciso evidenciar que não basta a vontade e a indignação com as injustiças, mas sobretudo faz-se necessária a mobilização de solidariedade suficiente para contribuir com a garantia da comunicação honesta que dá espaço de fala a todos e todas.

Todavia, até a conclusão deste artigo não foi produzido nenhuma matéria sobre a ocupação com lugar de fala para os moradores que vivenciam diariamente a precariedade, preconceito e marginalização do movimento.



(Imagem 9: a Ocupação Carolina de Jesus de fora)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁICAS

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1997, v. II.

HERMAN, Edward. A diversidade de notícias: “marginalizando” a oposição. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ática, 1989.

MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Disponível no site: <http://www.mtst.org/>. Acessado em agosto de 2017.